SEGUIU UMA CÓPIA POR VIA AÉREA.

CLASSIFICADO
26 JUL 51
SIGILOSO

CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.

Nº 76/801.24 (609)

Informação Econômica.
Maio de 1951.

DE

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
PROTOCOLO DE ENTRADA
26 JUL 1951
19800

A Secretaria de Estado das Relações Exteriores o Consulado Geral do Brasil em Nova York cumprimenta e tem a honra de remeter-lhe os inclusos Boletins números 10, 11 e 12, de 9, 23 e 31 de maio próximo passado, que constituem a Informação Econômica número 5 desta Repartição.

3/3

Nova York, em 6 de junho de 1951.

Cons. Geral em Nova York/ 75 /1951/Anexo nº 1

BOLETIM DO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

DO CONSULADO GERAL DO BRASIL

EM NOVA YORK

19800

Nº 10 - Nova York, quarta-feira, 9 de maio de 1951.

O COMÉRCIO EXTERIOR NORTE-AMERICANO. A EXPORTAÇÃO PARA A AMÉRICA LATINA.

Em seu número de maio corrente, a revista "O Exportador Americano", desta cidade, publica uma série de interessantes comentários sôbre a situação atual do comércio exterior norte-americano, sua extensão e principais necessidades.

Afirma, de início, a revista em aprêço que nos dias de hoje o exportador dêste país enfrenta problemas que diferem profundamente daqueles que o afligiram há um ano atrás, ou mesmo logo depois da última conflagração mundial, quando a falta de divisas e os rígidos contrôles sôbre a importação prejudicaram o desenvolvimento do intercâmbio comercial em todo mundo.

Atualmente, - observa a referida revista - a situação é inteiramente diversa, porquanto quase todos os países possuem reservas de dólares e, ao mesmo tempo, estão, pouco a pouco, desaparecendo as restrições e os contrôles sôbre a importação, o que significa que estão desanuviados os horizontes para as futuras transações comerciais entre os Estados Unidos e as nações amigas.

E' bem verdade, continúa a revista em fóco, que o advento da guerra na Coréia e a extensão dos programas de defesa e mobilização geral têm prejudicado sobremodo o desenvolvimento do intercâmbio internacional, principalmente com a América Latina.

Não obstante, na recente Conferência Internacional de Comércio, realizada em Chicago, e na 31a. Reunião anual do Club de Gerentes de exportação, levada a efeito em Nova York, externou-se, com certa unanimidade, a opinião de que os fabricantes dos Estados Unidos devem continuar abastecendo os mercados estrangeiros, ainda para tal sejam necessários ingentes esforços.

A propósito, convém notar que as referidas reuniões congregaram mais de 3.500 delegados e que, durante o curso das mesmas, em diversas oportunidades, afirmou-se que as necessidades do mercado interno não podem e nem devem prejudicar as atividades desenvolvidas em prol do comércio internacional, uma vez que essas últimas são de grande importância para a prosperidade e segurança do país.

O Senhor August Maffry, Vice-Presidente da Irving Trust Company, numa das citadas reuniões, teve ensejo de declarar que, pelos seus cálculos, as exportações norte-americanas atingirão, no corrente ano, cifras bastante apreciáveis, apesar do conflito que se desenrola no Oriente. E muito provàvelmente, observou o Sr. Maffry, os Estados Unidos abastecerão as nações amigas de divisas num total que pode ser estimado em 19 bilhões de dólares, assim distribuidos: 11 bilhões, com o financiamento das importações; 3.5 bilhões, com o pagamento de serviços; 1 bilhão e meio, em consequência dos investimentos de capital privado, e 3 bilhões, com os empréstimos levados a efeito pelo

Govêrno.

Referindo-se pròpriamente às exportações, acentuou ainda o Vice-Presidente da Irving Trust Company que as mesmas poderão alcançar a cifra de 12 bilhões de dólares, sendo muito provável que haja um aumento nas exportações destinadas à América Latina e a alguns paises asiáticos, como, por exemplo, o Japão e a Indonésia.

Na Reunião do Club dos Exportadores realizada, como se disse acima, em Nova York, alguns porta-vozes do Departamento de Comércio afirmaram que, brevemente, será criado um sistema de prioridades para o embarque das mercadorias destinadas ao exterior. Convém, no entanto, acrescentar que tal sistema constitui uma antiga aspiração dos exportadores americanos, os quais, ainda recentemente, se dirigiram à National Production Authority, solicitando a sua intervenção, a fim de ser instituido um sistema, mais amplo e mais liberal, para o processamento dos embarques. No entender de algumas firmas exportadoras americanas, o critério atual não satisfaz, em absoluto, às necessidades e às exigências de compradores e vendedores.

Quanto ao problema da fixação dos preços, assinala a preciada revista - "O Exportador Americano" - que, no momento, há um descontentamento geral por parte dos interessados, isto é os exportadores norte-americanos acham que o regime em vigor - que data de março do corrente ano - não satisfaz, pelo que estão aguardando com muita ansiedade, um novo tabelamento anunciado pelo Serviço de Estabilização dos Preços (OPS), o qual, aliás, acaba de dar publicidade a um tabelamento dos preços dos produtos importados.

Desde março vem o Serviço de Estabilização de Preços permitindo que as firmas americanas aumentem os preços-tetos nacionais, quando da realização de suas vendas para o exterior. Alegam, no entanto, os exportadores que o critério vigorante não preenche tôdas as finalidades, porquanto foram também criadas margens de lucro e outras tantas limitações, que estão muito longe de satisfazer aos interesses em jôgo, pelo que se consideram êles numa situação de certa insegurança para o empreendimento das transações comerciais.

Ao que informam certos círculos oficiais, por êstes dias, deverá ser publicado um tabelamento geral sôbre os preços dos produtos exportáveis, sendo intensa a expectativa sôbre se tal tabelamento atenderá, por fim, às exigências dos exportadores.

A respeito das importações norte-americanas, foram publicados dados estatísticos segundo os quais, no mês de janeiro, teriam elas atingido à cifra de US$1.022.000.000, cifra essa muito superior à obtida em outubro de 1950 e que representa, aproximadamente, 39% da média mensal registrada no ano passado.

De um modo geral, houve um aumento apreciável nas importações de produtos alimentícios e bebidas, sendo que, quanto àqueles produtos, devem merecer especial destaque as importações de café e cana de açúcar.

Quanto às importações de produtos vegetais não comestíveis, também houve um acréscimo considerável, tendo as mesmas alcançado à cifra de 155 milhões de dólares, em janeiro do corrente ano, contra 112 milhões, do mês de dezembro passado.

As exportações norte-americanas e a balança comercial com a América-Latina.

Segundo informa o Federal Reserve Bank de Nova York, tudo

indica que as exportações norte-americanas para a América Latina tenham aumentado consideràvelmente no transcurso do mês de março passado, porquanto houve um acréscimo no volume dos "saques a pagar", emitidos pelos clientes latino-americanos para os exportadores dêste país, e ainda aumentaram o número e o valor dos pagamentos realizados no mesmo mês.

Os referidos "saques a pagar" atingiram à soma US$129.000.000 em fins de março passado, soma essa que excede de US$18.700.000 à obtida em março de 1950. Quanto aos saques pagos, esclarece o referido Banco que também houve um aumento de 10%, tendo o valor-dólar dos pagamentos alcançado o total de US$39.000.000.

Analisando as operações de pagamento, acentúa o Federal Reserve Bank de Nova York que os paises latino-americanos se atrasaram, relativamente, na realização de tais operações, porquanto foram pagos, prontamente, apenas 62.7% dos saques emitidos a favor dos exportadores americanos.

De um modo geral, quase todos os paises latino-americanos aumentaram o número de "saques a pagar", com excecão da Argentina e de Costa Rica, que resolveram diminuir seus atrasados comerciais, tendo se destacado, particularmente, o primeiro dêsses paises, o qual prosseguiu em sua marcha, sempre ascensional, para a liquidação de uma dívida, antes muito volumosa, em consequência de um empréstimo feito ao Banco de Exportação e Importação de cêrca de US$125.000.000.

Quanto às cartas de crédito, informa o Banco em aprêço que aumentaram de US$5.400.000, tendo atingido ao nivel de US$275.800.000, indiscutivelmente o mais alto, desde dezembro de 1947, quando as exportações americanas para a América Latina alcançaram à cifra-récorde de US$3.900.000.000.

O COMERCIO ENTRE A AMERICA LATINA E A ALEMANHA OCIDENTAL.

O "Journal of Commerce" desta cidade publicou recentemente uma interessante notícia sôbre as atuais relações comerciais entre a América Latina e a Alemanha Ocidental.

Inicialmente, observa êsse prestigioso órgão da imprensa americana que, nos dias de hoje, o comércio entre as referidas áreas geográficas se processa de forma bastante ativa, principalmente em consequência do renascimento da indústria alemã, a qual, como sabemos, havia sido completamente destruida pelos rigores da última conflagração mundial.

Segundo estatísticas recentemente publicadas, as vendas da Alemanha Ocidental para a América Latina subiram consideràvelmente em 1950, tendo passado de US$31.900.000 para $153.500.000. Quanto às importações, houve um aumento de $150.000.000 para $185.000.000, destacando-se, particularmente, as procedentes da Argentina e do Brasil.

Afirmam certos comentaristas que, muito provàvelmente, serão intensificadas as exportações alemães para a América Latina, a qual, por seu turno, deverá fornecer à Alemanha Ocidental as matérias primas de que, naturalmente, necessita para completa recuperação de seu parque industrial.

Examinando a situação de determinados mercados latino-americanos, o "Journal of Commerce", em sua referida notícia, declara

que a Argentina, em 1950, foi indiscutivelmente o país que manteve as maiores relações comerciais com a Alemanha Ocidental, tendo vendido mais de 65 milhões de dólares e comprado cêrca de 24,9 milhões.

Referindo-se ao comércio entre o Brasil e aquêle país europeu, afirma o jornal ora em aprêço que, ao contrário do que aconteceu com a Argentina, em 1950 a balança comercial entre os dois países mostrou-se mais favorável ao segundo, porquanto houve um decréscimo nas exportações brasileiras para a Alemanha Ocidental e um aumento nas importações procedentes dêsse último país.

Ao que informa o mesmo jornal, durante o citado ano, o Brasil importou, principalmente, máquinas, produtos químicos, ferro e aço, e exportou café, fumo, peles e diversas outras matérias primas.

No entender de certos comentaristas, é muito provável que a Alemanha Ocidental, em breves dias, volte a ocupar posição de grande destaque no comércio com os países latino-americanos, principalmente depois da assinatura dos últimos acôrdos com a Argentina, Brasil, Uruguai, Colômbia e outros países dêste Continente.

NOVO ACORDO ANGLO AMERICANO DE IMPORTAÇÃO DE CARNE.

Ao que comentam alguns jornais desta cidade, depois de um impasse que durou cêrca de 10 meses, a Grã-Bretanha e a Argentina resolveram, por fim, assinar um novo acôrdo comercial sôbre compra e venda de carne, acôrdo êsse que servirá de complemento ao que foi assinado em 1949.

Por fôrça dêsse novo acôrdo - que terá a duração de 12 meses, a Grã-Bretanha pagará preços bem mais altos do que os que se recusara a aceitar no ano passado, devendo ainda receber menos 100.000 toneladas de carne. Não obstante, ao que esclarecem certos comentaristas, os preços finalmente aprovados são bem inferiores aos propostas pela Argentina, quando do início das negociações.

De um modo geral, em Londres teve boa acolhida a notícia da assinatura do acôrdo em aprêço, porquanto, ao que se afirma, deverão ser aumentadas as rações de carne. No dizer do Senhor R. J. Jackson, Secretário Geral da Federação dos Importadores de Carne, tal acôrdo foi um "alívio, não só para o público, em geral, como também para o comércio".

§§§

ERRATAS.

1. Na pg. n.3 do Boletim de 26 de abril último, onde se lê "os investimentos de capital americano muito concorrerem", leia-se "os investimentos de capital americano muito concorreram".

2. Na pg. n.2 do Boletim de 14 do citado mês, onde se lê "revogação súbita dos preços-teto", leia-se "revogação súbita dos preços-tetos".

§§§

BOLETIM DO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

DO CONSULADO GERAL DO BRASIL

EM NOVA YORK

Nº 11 - Nova York, quarta-feira, 23 de maio de 1951.

A POLITICA ANTI-INFLACIONISTA AMERICANA. A INFLAÇÃO NA EUROPA.

Em sua mensagem dirigida ao Congresso, o Presidente Truman faz diversos comentários sôbre a extensão e os efeitos do movimento inflacionista, sugerindo algumas medidas para que tal movimento não atinja, nem afete a estabilidade econômica do país.

De início, observa o Chefe do Executivo norte-americano que, durante o ano passado, foi relativamente reduzido o impacto da inflação, principalmente em consequência das providências tomadas pelo Govêrno para que os créditos e os preços fossem controlados, e os salários estabilizados.

Ao que acentúa, no entanto, o Presidente Truman, é quase inevitável o aparecimento de novo surto inflacionista, porquanto, com o incremento da produção de materiais bélicos e o provável aumento dos salários, tudo indica que o povo norte-americano, em futuro próximo, terá em suas mãos maior quantidade de dinheiro. Além disso, são remotas as possibilidades de incrementar-se a produção dos bens destinados a suprir às necessidades do consumo civil.

Referindo-se aos projetos para o fomento da produção a ser aplicada na defesa do país, declara o Presidente, em sua mensagem, que tal produção sòmente atingirá seu climax no ano vindouro, apesar de ter havido, em 1950, um aumento de 100% na fabricação de aviões e outros importantes materiais de guerra. A propósito, informam fontes bem autorizadas que, muito provàvelmente, as encomendas de material bélico alcançarão, até junho de 1952, a cifra de 58 bilhões de dólares, o que significa que serão duplicadas as atuais encomendas, que, por sinal, ainda não foram entregues ao Govêrno, em sua grande totalidade.

A respeito das medidas a serem adotadas para o combate à inflação, o Presidente Truman sugere que o Executivo seja autorizado a ajudar, financeiramente, os produtores dos artigos de maior utilidade e que, no momento, estejam sendo vendidos por prêço elevado. Ao lado de tal medida, refere-se também à possibilidade de serem amparados pelo Govêrno os vendedores dos alimentos destinados ao consumo geral.

Essa última sugestão presidencial, entretanto, não foi bem acolhida, tendo merecido mesmo alguns reparos por parte da imprensa. O New York Times, por exemplo, em editorial publicado recentemente, aponta os seus grandes inconvenientes, afirmando que. o país, durante a última conflagração mundial, por ter adotado semelhante diretriz em sua política financeira, foi forçado a dispender 4 bilhões de dólares e, não obstante, ao invés de sanar os males decorrentes da inflação que imperava, acabou concorrendo para que os mesmos se agravassem.

Na opinião do referido jornal, essa medida proposta pelo Presidente Truman tem grande efeito político, porquanto, se fôr ado-

tada, muito provàvelmente evitará a possibilidade de serem criadas pesadas taxas, o que, até certo ponto, virá contentar o povo.

Convém observar, a propósito, que a crise inflacionista é hoje um fenômeno que se está observando em todo mundo. Notícias procedentes da Itália e França nos informam que a economia dêsses países está sèriamente ameaçada pela inflação, o que é de grande gravidade se levarmos em conta que êles estão, no momento, com sua atenção voltada para o incremento da produção de materiais destinados à defesa das democracias na Europa.

O correspondente do New York Times em Paris, Sr. Michael L. Hoffman, afirma, peremptòriamente, que a inflação virá prejudicar bastante o esfôrço de guerra que, no momento, está sendo empreendido pela Europa Ocidental. A crise inflacionista, acrescenta êle, é muito mais séria que o problema da escassez da matéria prima, conquanto tais assuntos guardem íntima relação entre si.

Segundo o referido comentarista, a falta de matéria prima deve ser encarada mais pelo seu impacto sôbre os preços e consequentemente sôbre a inflação, do que pròpriamente pelos seus efeitos sôbre o desenvolvimento da produção.

E' voz corrente na Europa, ao que afirmam ainda alguns comentaristas, que se os Estados Unidos se empenharem para a redução dos preços das matérias primas, muito provàvelmente serão evitados os males de um movimento inflacionista, e, por conseguinte, eliminadas as hipóteses de os paises europeus atravessarem períodos de crises econômicas cujas consequências poderão ser fatais para todo mundo.

A propósito, notícias recentemente chegadas da Itália informam que a inflação obrigou o Govêrno a quadruplicar as verbas orçamentárias destinadas à defesa do país, fato êsse que, na opinião de certos financistas, constitui uma grave ameaça para a estabilidade econômica italiana.

No entender do comentarista Louis Bley, do "Journal of Commerce" desta cidade, a alta dos preços das matérias primas importadas pela Itália já está afetando sua economia interna, tanto que nas últimas semanas verificou-se um deficit no comércio entre o referido país e aquêles que fazem parte da chamada União Européia de Pagamentos. Ademais, as reservas italianas de esterlinos diminuiram consideràvelmente, estando hoje num nível de 60 milhões, enquanto que há um ano atrás o país possuia uma reserva de 75 milhões de esterlinos.

A fim de evitar as consequências desastrosas de uma crise inflacionista, o Govêrno italiano, ao que declaram certos jornais, está disposto a tomar as seguintes medidas:

a) criar um sistema de prioridades para o investimento de capitais estrangeiros, principalmente os de origem norte-americana;

b) controlar a importação de matérias escassas, tendo em vista às supremas necessidades das indústrias nacionais;

c) aperfeiçoar o sistema tributário e ainda proceder a uma reforma fiscal em todo país;

Além de tais medidas, o Govêrno da Itália está contando com a ajuda da ECA, a fim de que, em qualquer eventualidade, o país possa contornar crises que decorram de surtos inflacionistas.

A POSIÇÃO DA AMERICA LATINA NO MERCADO COM OS ESTADOS UNIDOS.

De acôrdo com um relatório publicado recentemente pelo Federal Reserve Bank de Nova York, tudo indica que, em futuro próximo, os países latino-americanos estarão em condições de levantar suas restrições sôbre as importações procedentes dêste país.

Em seu relatório, aquêle Banco acentúa, no entanto, que tal fenômeno sòmente deverá ocorrer se permanecerem as tendências atuais do mercado entre os Estados Unidos e a América Latina, a qual, dentro em breve, poderá dispor das divisas de que necessita para incrementar o comércio com êste país.

Analisando a situação atual das reservas de dólar, de que dispõem os países latino-americanos, o Federal Reserve Bank assinala que, em 1950, houve um acrêscimo bastante considerável, sendo que o maior aumento de tais reservas ocorreu no transcurso do segundo semestre do referido ano, quando aquêles países conseguiram um saldo de 251 milhões de dólares, num total de 368 milhões para todo o ano.

A respeito dos investimentos particulares(a longo prazo)na América Latina, informa o mesmo Banco que houve um grande decréscimo, porquanto baixaram de 456 milhões (cifra alcançada em 1949) para 179 milhões de dólares. Tal declínio foi devido, muito provàvelmente,ao fato de terem cessado os investimentos destinados à indústria do petróleo naquela área, investimentos que haviam constituido cêrca de 50% do montante do capital americano investido nos países vizinhos, desde o término da última conflagração mundial.

Observa, contudo, o Banco em aprêço que a América Latina não tem apenas recebido dólares dos Estados Unidos, mas, ao contrário, tem sido beneficiada, sob êsse aspecto, em suas transações com certas organizações internacionais e mesmo com outros países. Assim, a Administração de Cooperação Econômica (ECA) já realizou negócios com os países latino-americanos num valor de 192,6 milhões de dólares, e as compras feitas por outras agências internacionais nesses países atingiram à cifra de 19,8 milhões, sem falarmos nos gastos efetuados pelo Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento.

Em face de todos êsses dados conclui o Federal Reserve Bank que, muito possìvelmente, a América Latina terá à sua disposição, em breve, um saldo em dólar bastante apreciável, o que, por certo, muito concorrerá para que sejam ativadas as relações comerciais entre aquela área e os Estados Unidos.

REPERCUSSÕES DA CONFERÊNCIA DE TORQUAY.

Comentando os trabalhos da Conferência sôbre tarifas alfandegárias realizada em Torquay, na Inglaterra, alguns jornais desta cidade afirmam que, em princípio, será muito prematura, no momento, qualquer opinião a respeito dos méritos e deméritos das resoluções e acôrdos que foram assinados naquela Conferência.

Certos comentaristas, entretanto, asseveram que o maior fracasso de Torquay se verificou em relação aos desentendimentos havidos entre os Estados Unidos e os paises da Comunidade Britânica. Porta-vozes do Departamento de Estado esclarecem que tal fato foi devido, principalmente, à circunstância de os ingleses e demais representantes da Comunidade terem persistido em seu propósito de defenderem o sistema das chamadas "preferências imperiais".

Apesar de tudo, convém frisar que os Estados Unidos firmaram um acôrdo, em separado, com o Canadá e que, quanto à India, deixaram de fazê-lo, em virtude de ter sido bastante reduzido o número das concessões tarifárias apresentadas às negociações.

Ao que comentam ainda diversos jornais dêste país, os Estados Unidos também não conseguiram entrar em acôrdo com Cuba, sendo que, a propósito, há quem afirme que tal acontecimento se prendeu ao fato de a delegação cubana ter esposado, na Conferência, uma política demasiadamente protecionista.

O "Journal of Commerce", desta cidade, declara mesmo que tais fracassos, somados ao impasse verificado nas negociações com a India, são por si suficientes para que sejam anuladas ou contrabalançadas algumas das vantagens obtidas pela delegação norte-americana, através da assinatura, por exemplo, dos acordos com o Canadá, a Alemanha Ocidental e a França.

Assim sendo, conclui êsse importante órgão da imprensa dêste país que, de um modo geral, os americanos não podem considerar a Conferência de Torquay como um verdadeiro sucesso.

Não obstante, o "New York Times", em editorial publicado recentemente, teve oportunidade de declarar que a Conferência em aprêço constitui um passo bastante avançado para a liberalização do comércio internacional.

§§§

ERRATAS.

1. Na pg. n.4 do Boletim de 9 de maio último, onde se lê "NOVO ACOR DO ANGLO-AMERICANO DE IMPORTAÇÃO DE CARNE", leia-se "NOVO ACORDO ANGLO-ARGENTINO DE IMPORTAÇÃO DE CARNE".

2. Na pg.n.3 do Boletim de 16 de março passado, onde se lê "os jornais desta cidade comentaram largemente sôbre a luta que...", leia-se "os jornais desta cidade fizeram amplos comentários sôbre a luta que...".

Cons. Geral em Nova York/ 76 /1951/Anexo nº 3 e último

BOLETIM DO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

DO CONSULADO GERAL DO BRASIL

EM NOVA YORK

Nº 12 - Nova York, quinta-feira, 31 de maio de 1951.

O COMÉRCIO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A AMERICA LATINA EM 1950.

A revista "Foreign Commerce Weekly", do Departamento de Comércio dos Estados Unidos da América, publica, em seu número de 7 de maio, um minucioso artigo de autoria do Senhor Evelyn M. Parrish, (da Secção de Comércio Internacional daquele Departamento), sôbre o que foi o comércio entre êste país e a América Latina, durante o transcurso do ano passado.

Segundo o Senhor Parrish, em 1950, o movimento comercial entre essas duas grandes áreas caracterizou-se, principalmente, por um aumento, bastante apreciável, no valor das importações americanas e "um retôrno ao já tradicional princípio de as importações excederem às exportações." Assim, observa êle que as referidas importações alcançaram o nível récorde de $2.907.200.000, tendo havido um acréscimo de 25% sôbre o montante das cifras obtidas nos últimos dois anos, acréscimo êsse devido, muito provàvelmente, ao fato de se ter verificado, de um modo geral, uma alta no preço das utilidades.

Quanto às exportações destinadas à América Latina, ao que acentúa o articulista em aprêço, atingiram elas à cifra de $2,668 milhões de dólares, tendo aumentado consideràvelmente no último trimestre de 1950, quando, em cêrca de 14 paises latino-americanos, chegaram a superar a média trimestral do ano de 1949.

Tal expansão decorreu, principalmente, do fato de as nações latino-americanas terem conseguido melhorar sua situação econômico-financeira. Além disso, foi ainda estimulada pelo temor de que o programa americano de defesa viesse a acarretar uma escassez dos produtos mais necessários.

Diante de tais circunstâncias, -- argumenta o Sr. Parrish - os paises latino-americanos foram obrigados a modificar ou revogar inteiramente seus regulamentos e suas leis sôbre importação e câmbio, apesar de os mesmos dispositivos terem concorrido para a redução dos "deficits" em dólar, durante os anos de 1948 e 1949.

Focalizando o volume do comércio entre os Estados Unidos e aquêles paises, observa o artigo em aprêço que a América Latina, em 1950, absorveu 20% das exportações americanas. De um modo geral, suas compras se resumiram na aquisição de produtos manufaturados, destacando-se, particularmente, os seguintes: automóveis (47%); tecidos e produtos texteis manufaturados (40%); aparelhos elétricos (39%); produtos químicos (38%); maquinaria e ferramentas agrícolas (32%); maquinaria industrial (31%); produtos de ferro e aço (29%) e tratores (20%). Cuba, Venezuela e México adquiriram ainda cêrca de 25% do total das exportações americanas de gêneros alimentícios.

Como sempre, a América Latina colocou-se em primeiro lugar entre os mercados abastecedores dos Estados Unidos, tendo fornecido

um terço do total das importações americanas, sendo que as maiores transações comerciais se verificaram no campo dos produtos estratégicos, onde foi particularmente notável a atuação das vinte Repúblicas latino-americanas, as quais forneceram cêrca de 3/4 do total das importações americanas, devendo-se destacar, principalmente, os fornecimentos de bismuto, iodo, óleo e bagas de mamona, cristal de quartzo, ipecacuanha, extrato de quebracho, tantalite e minério de vanádio, além dos minérios de antimônio, berilo, cobre, fluorita, chumbo e zinco.

Ao lado de tais produtos, os Estados Unidos importaram, em 1950, quantidades menores de grafite amorfo, fibra de manilha, manganês, mica, platina, quinino, estanho, tungstênio e minério de zircônio, merecendo ainda especial destaque, quanto às demais importações, a dos gêneros alimentícios, notadamente café, açucar e bananas, e as importações de petróleo cru e lã.

Referindo-se ao comércio entre o Brasil e os Estados Unidos, observa o referido articulista que durante o ano de 1950 as exportações americanas baixaram de 8% em relação ao ano anterior, apesar de ter havido um aumento no valor das transações comerciais entre os dois paises. Tal decréscimo registrou-se, principalmente, nas exportações dos produtos manufaturados de ferro e aço, e de maquinaria elétrica e industrial, o que muito concorreu para que se tornassem, praticamente, nulos os aumentos verificados nas importações de tratores e automóveis para passageiros.

Quanto às importações americanas de produtos brasileiros, acentúa ainda o Senhor Parrish que as mesmas atingiram, naquele ano, à cifra de US$714.500.000, tendo havido assim um aumento de 29% em relação ao ano de 1949. Esclarece êle que tal aumento foi devido à alta do preço do café, se bem que, em volume, a importação de café procedente do Brasil tenha sido, em 1950, bem inferior à de 1949.

A respeito das exportações americanas de automóveis, caminhões e onibus, a precitada revista do Departamento de Comércio traz à publicidade as seguintes tabelas sôbre o movimento das mesmas em relação a diversos paises da América Latina:

Exportação de carros de passageiros (em milhões de dólares).

	1947	1949	1950	1950 (IV Trimestre)
Venezuela	$10,2	$21,5	$22,0	$5,7
México	25,1	16,9	20,3	8,9
Cuba	9,5	12,6	18,8	5,1
Brasil	26,8	11,5	9,0	6,9
Colômbia	5,8	0,9	8,7	0,7

Exportação de Caminhões e Onibus (em milhões de dólares).

	1947	1949	1950	1950(IV trimestre)
Brasil	$ 52,7	$ 30,6	$ 41,9	$ 13,5
Venezuela	24,6	26,6	22,3	5,5
Colômbia	9,3	4,8	21,7	4,8
México	35,8	17,9	18,9	6,9
Cuba	13,9	5,2	15,7	3,5

Analisando a balança comercial entre os Estados Unidos e a América Latina, afirma o articulista em aprêço que, em 1950, houve um saldo de US $ 239.900.000 em favor das importações, depois de quatro anos, consecutivos, em que predominaram as exportações.

Quanto ao comércio com o Brasil, verificou-se um saldo de US$360.900.000 no movimento das importações sôbre o das exportações, saldo êsse que representa o dobro do ocorrido em 1949.

Convém ainda acrescentar que houve outros importantes saldos no movimento das importações procedentes da Argentina, Colômbia, Chile e Uruguai, sendo que, quanto ao primeiro dos citados países, desde 1946, não se verificava um saldo das importações sôbre as exportações.

A propósito do movimento comercial entre as referidas áreas, o Departamento de Comércio acaba de publicar as seguintes tabelas sôbre os ultimos dados estatísticos:

Comércio de Exportação entre os EE.UU. e a América Latina.

País	1947	1949	1950 (anual)	1950 (IV trimestre)	%
México	629,9	468,2	515,7	158,3	19,3
Costa Rica	35,1	27,0	27,0	7,0	1,0
Guatemala	41,4	44,9	43,8	11,4	1,6
Honduras	29,9	33,6	24,0	7,2	0,9
Nicarágua	17,4	15,7	18,8	4,5	0,7
Panamá	172,2	115,7	111,6	11,3	4,2
El Salvador	28,4	25,8	32,7	9,4	1,2
Cuba	491,8	380,3	460,4	133,2	17,3
R.Dominicana	49,3	38,3	42,0	11,3	1,6
Haiti	25,2	23,8	25,4	6,6	1,0
Argentina	679,9	130,8	144,6	38,8	5,4
Bolívia	28,3	36,2	20,5	7,4	0,8
Brasil	643,2	382,9	353,6	119,5	13,3
Chile	125,3	142,6	71,7	21,0	2,7
Colômbia	218,9	175,9	233,3	56,3	8,7
Equador	40,0	32,4	28,4	8,2	1,1
Paraguai	7,7	7,7	3,1	0,6	0,1
Peru	91,6	86,1	72,8	22,5	2,7

Comércio de Exportação entre os EE.UU. e a América Latina.

(cont.) País	1947	1949	1950 anual	1950 IV trimestre	%
Peru	91,6	86,1	72,8	22,5	2,7
Uruguai	75,5	34,7	40,2	18,0	1,5
Venezuela	426,8	518,4	398,4	109,9	14,9
Total	3.857,8	2.721,0	2.668,0	762,5	100,0

Os valores do quadro acima também incluem as reexportações e representam cifras de milhões de dólares.

Movimento das importações americanas.(em milhões de dólares).

País	1948	1949	1950	%
México	246,2	243,5	317,7	10,9
Costa Rica	22,9	22,4	24,6	0,8
Guatemala	44,2	43,3	53,7	1,8
Honduras	13,2	15,2	20,1	0,7
Nicáragua	11,7	6,7	19,1	0,7
Panamá	8,9	11,2	9,7	0,3
El Salvador	31,1	40,2	51,0	1,4
Cuba	375,0	387,5	405,6	14,0
R.Dominicana	35,2	24,4	37,6	1,3
Haiti	18,8	19,8	23,1	0,8
Argentina	179,9	97,5	206,1	7,1
Bolívia	48,8	48,5	34,4	1,2
Brasil	513,9	551,8	714,5	24,6
Chile	179,1	152,5	159,6	5,6
Colômbia	236,5	241,5	313,1	10,8
Equador	18,9	17,1	34,4	1,2
Paraguai	4,1	5,7	6,2	0,2
Peru	34,9	40,2	48,5	1,7
Uruguai	57,7	54,0	106,1	3,6
Venezuela	270,8	278,1	322,0	11,1
Total	2.351,9	2.301,0	2.907,2	100,0